

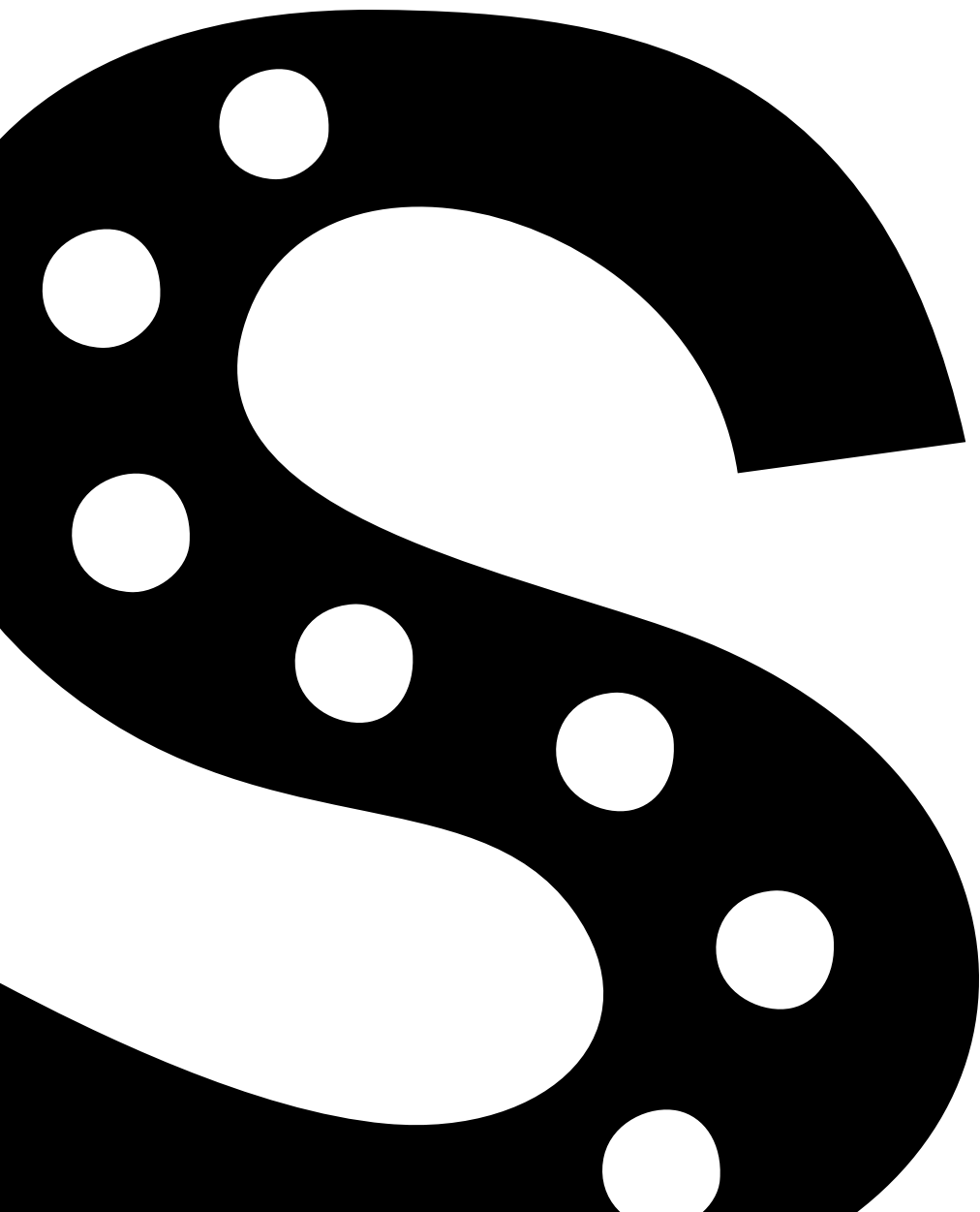
**caderno de
educação**

**ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

1995—2013

20

negros do sul







É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

prof. danillo barata
pró-reitor de extensão e cultura da ufrb

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

ORGANIZAÇÕES DE RESISTÊNCIA NEGRA

Valéria Lima

ensaio

6

Resistir é um verbo constante na vida de qualquer pessoa negra. Resistimos desde os navios negreiros, que arrancaram nossos ancestrais de Mãe África e os espalharam pelas Américas, principalmente pelo Brasil. As mãos negras construíram este país, a terra que “em se plantando tudo dá”, e que deu para os nossos apenas dor e trabalho. No entanto, resistimos.

Apesar de as escolas ensinarem por séculos que não houve resistência à escravidão por parte dos africanos usurpados de seu continente, aos poucos estamos resgatando tantas histórias contrárias que foram ocultadas dos livros. Hoje sabemos dos muitos levantes que ocorreram para acabar com a escravidão neste país. Conhecemos as histórias das irmandades, dos quilombos, das negras de ganho, que se organizaram para garantir não só a sua liberdade, mas também a de tantos outros irmãos e irmãs. A liberdade das mulheres que lutaram para manter vivas as tradições, os costumes e a religiosidade de matriz africana.

As organizações de resistência negra no Brasil desempenharam um papel crucial na luta contra o racismo, a discriminação e a desigualdade social. Desde a chegada dos africanos escravizados no país até os dias atuais, essas entidades têm sido fundamentais na promoção dos direitos civis, culturais e políticos da população negra brasileira. Além de tudo que foi realizado ao longo dos intermináveis

séculos em que durou a escravidão no Brasil, muito foi feito pelo povo negro deste país para driblar os resquícios da escravidão. Apesar de o letramento não ser permitido às pessoas negras, muitos eram os que sabiam ler e escrever, de modo que, ainda no século XIX, a imprensa negra já se fazia presente. Como bem nos apresentou Ana Flávia Magalhães em sua pesquisa publicada em *Imprensa negra no Brasil do século XIX*, *O Mulato* ou *O Homem de Cor*, datado em 14 de Setembro de 1833 foi o primeiro veículo negro deste país.

Os quilombos são importante símbolo de resistência e organização. Os escravizados que fugiram das plantações e engenhos tornaram-se referências de liberdade e luta contra a opressão. Em um ambiente de brutalidade e exploração, os quilombos ofereceram refúgio e autonomia, com os negros podendo viver de forma livre, em comunidade, preservando suas tradições culturais, e praticando sua religião. O mais famoso deles, Palmares, liderado por Zumbi, resistiu por quase um século, exemplificando a resiliência e a força coletiva dos afro-brasileiros na luta pela liberdade e justiça.

Organizar e resistir para existir! As irmandades religiosas foram determinantes para a sobrevivência dos negros e negras escravizados. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada na Igreja da Sé, no centro de Salvador, é datada de 1685. Posteriormente foi transferida para uma igreja construída com recursos próprios e com o trabalho dos membros da Irmandade. Os terreiros de candomblé, assim como as irmandades, nasceram em meio à escravidão. Os Orixás, Inquices e Voduns, que aqui desembarcam com os africanos, fizeram morada em todas as regiões do Brasil, de norte a sul. As religiões

de matriz africana se mantêm vivas, apesar do racismo e das perseguições. Os registros informam que os primeiros terreiros surgiram por volta de 1830 (p. 8,1995). E nesses espaços sagrados, mães e pais de santo garantiram a manutenção dos cultos originários de África, com uma identidade brasileira.

A mais antiga associação civil negra do Brasil nasceu na capital baiana e há quase 200 anos transforma a vida de negros e negras. A Sociedade Protetora dos Desvalidos, fundada em 16 de Setembro de 1832, inaugurou novas possibilidades na vida de inúmeros escravizados. Liderado por Manoel Vitor Serra, africano livre, um grupo de homens da capital baiana se reuniu para garantir a liberdade de outros, comprando cartas de alforria. Entretanto, ao longo de todos esses anos, a organização atuou de diversas formas, como caixa e empréstimos e penhores, apoiando no tratamento de doenças, na invalidez, na velhice e na garantia de um funeral para aqueles que não podiam pagar. E foi se reinventando de acordo às necessidades que foram surgindo no pós-abolição. E segue, ainda hoje, lutando contra o racismo e as desigualdades por ele ocasionadas.

Com a abolição da escravidão em 1888, a luta pela igualdade continuou, uma vez que a população negra permaneceu marginalizada. A Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 16 de setembro de 1931 por Abdias do Nascimento, desempenhou um papel crucial na luta pelos direitos civis e sociais da população negra no Brasil. Como uma das primeiras organizações de massa lideradas por negros, a FNB buscou combater o racismo e promover a integração social, política e econômica dos afro-brasileiros. Através de campanhas de educação, assistência jurídica e atividades

culturais, a FNB trabalhou para elevar a autoestima da comunidade negra e exigir igualdade de oportunidades. Sua atuação pioneira pavimentou o caminho para os futuros movimentos negros do país, deixando um legado duradouro na luta contra a discriminação racial. Embora tenha sido fechada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas em 1937, seu legado influenciou grandes movimentos subsequentes.

A partir da década de 1970, com o fortalecimento dos movimentos sociais no Brasil, houve um ressurgimento significativo de organizações negras. O Ilê Aiyê e o Movimento Negro Unificado, nascidos nesse período, são os responsáveis pelas configurações de movimentos que conhecemos na atualidade. Influenciados pelos Panteras Negras, que lutavam pelos direitos civis nos Estados Unidos da América, surge o primeiro bloco afro do Brasil. O Ilê Aiyê, idealizado por Antonio Carlos Vovô e Apolônio Souza de Jesus Filho, fundado em 1º de Novembro de 1974, ganhou as ruas do carnaval de Salvador a partir de 1975, e, com as bênçãos de Mãe Hilda Jitolu, cantou a beleza e a história do povo negro no Brasil e em África.

O Ilê realizou uma verdadeira revolução estética no Brasil, através do trabalho inovador de Dete Lima. Os turbantes e as amarrações inspiradas nas vestimentas dos Voduns do Axé Jitolu, em conjunto com as estampas desenvolvidas por J. Cunha, deram vida às cores da entidade. Suas ricas vestimentas, seus adereços vibrantes e suas expressões culturais autênticas exaltaram a beleza e a identidade afro-brasileira. A estética desenvolvida pelo bloco não apenas resgatou tradições africanas, mas também desafiou os padrões eurocêntricos de beleza, promovendo o orgulho racial e a autoestima entre os negros. Essa revolu-

ção visual e cultural do Ilê Aiyê teve um impacto profundo, influenciando a moda, a arte e a identidade afro-brasileira por gerações.

O Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978, destacou-se como uma das principais entidades na luta contra o racismo estrutural e na promoção da consciência negra. O MNU tem se empenhado em diversas frentes, incluindo a denúncia da violência policial, a luta por cotas raciais e a valorização da cultura afro-brasileira. Cultura e política se encontram e se reinventam por igualdade e justiça. Para que possamos ser quem somos, assumindo nossa identidade no jeito de ser e de se vestir do povo negro deste país.

**OS ORIXÁS, INQUICES
E VODUNS, QUE AQUI
DESEMBARCAM COM OS
AFRICANOS, FIZERAM
MORADA EM TODAS AS
REGIÕES DO BRASIL**

Abrangência

A partir dos anos 2000, a resistência negra no Brasil vem ganhando novas configurações e formas de atuação. Enquanto, na década de 1970, elas se dividiram entre culturais e políticas, na atualidade é difícil listar todas. Seja através das artes, da música, com o uso de novas tecnologias, através do afrofuturismo, pelas redes sociais; seja qual for o caminho, o objetivo é sempre ampliar a representatividade e combater o racismo em todas as esferas da sociedade brasileira. Nos últimos anos, diversas organizações foram criadas, destacando-se a Coalizão Negra por Direitos, de abrangência nacional. A Coalizão reúne várias entidades que, embora atuem individualmente em seus respectivos territórios, mantêm-se unidas e vigilantes pelo bem comum. A união dessas forças exemplifica a crença de que juntos somos mais fortes e capazes de alcançar objetivos ainda maiores.

Em 6 de Janeiro de 2023, nasceu no bairro do Curuzu, mesmo local em que outrora surgiu O Mais Belo dos Belos, o Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu. A organização foi criada com o objetivo de manter viva a história e o legado de mulheres negras que tiveram importantes contribuições para o movimento negro brasileiro, iniciando-se pelo legado de Mãe Hilda Jitolu, a matriarca do Ilê Aiyê, que muito contribuiu para a valorização da cultura e religiosidade negras. Mãe Hilda nasceu em Salvador, em 6 de janeiro de 1923, e em 1952 fundou o Terreiro Axé Jitolu, em um dos bairros mais negros da capital baiana, o Curuzu.

O futuro é incerto, mas, enquanto houver racismo, haverá resistência!



sumário

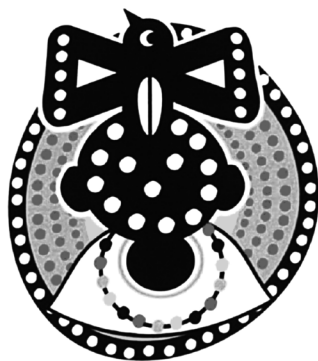
4	prefácio
6	ensaio
17	uma breve síntese do rio grande do sul
33	uma breve síntese de santa catarina
46	uma breve síntese do paraná
55	antologia poética

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

NEGROS DO SUL LÁ TAMBÉM TEM!

rio grande do sul santa catarina paraná



1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

Uma breve síntese do Rio Grande do Sul

01



Os primeiros negros chegaram oficialmente no Rio Grande do Sul em 1737 com o início da colonização. O negro sempre existiu no campo e na cidade. Fala-se que o africano já circulava no Sul, na Fundação da Colônia Sacramento, em 1680, perto de Montevidéu e na fundação da Laguna, onde participou da guerra de Guaranítica em 1750. Foram Lanceiros, trabalharam nas feitorias, nas lavouras e com cânhamo em Ganguçu e São Leopoldo. Os escravizados trazidos para o Rio Grande têm uma excepcional história de resistência.

Os negros gaúchos viveram um processo de segregação desde a sua chegada ao Rio Grande do Sul. A sua vinda para o Rio Grande do Sul foi um castigo para sujeitá-los ao frio mais rigoroso, ao trabalho nas charqueadas e à sujeição às diferenças regionais dentro do Estado. A ordem econômica e a ordem política refletiam sobre os destinos dos escravizados. Participaram da Guerra Farrroupilhas em condições de desigualdades, sujeitos a maus-tratos.

Um dos filhos ilustres do Rio Grande do Sul

JOÃO CÂNDIDO FELISBERTO, O ALMIRANTE NEGRO

João Cândido Felisberto, mais conhecido como João Cândido, nasceu no Rio Grande do Sul em 24 de junho de 1880. Filho de escravos, ele costumava acompanhar seu pai nas viagens feitas para conduzir o gado.

Aos 13 anos, lutou na Revolução Federalista de 1893, no Rio Grande do Sul, iniciando sua trajetória a serviço do governo. Em agosto do ano seguinte, estava alistado no Arsenal de Guerra do Exército.

Em 1895, ingressou voluntariamente na Escola de

Aprendizes Marinheiros em Porto Alegre, na qual permaneceu durante 11 meses. Chegou ao Rio de Janeiro no mesmo ano para compor o quadro dos marinheiros da 16^a Companhia da Marinha. Consta que foi promovido e elogiado oficialmente diversas vezes. Em 1900, foi promovido a marinheiro de 1^a classe e, em 1903, a cabo-de-esquadra.

Nos 15 anos em que serviu à Marinha, teve a oportunidade de viajar pelo Brasil e conhecer vários países. Foi enviado à Inglaterra para acompanhar o final da construção do Encouraçado Minas Gerais e aprender como manejá-lo, já que se tratava do mais moderno vaso de guerra da época. Retornou para o Brasil no começo de 1910, acompanhando o navio North Carolina, que trazia o corpo de Joaquim Nabuco, grande nome do abolicionismo.

Em 1910, participou e comandou a Revolta da Chibata. O desfecho dessa Revolta foi o fim dos castigos corporais na Marinha. Porém, João Cândido foi expulso e renegado pela Armada Brasileira por parte da imprensa e da sociedade.

Após a Revolta, trabalhou como timoneiro e carregador em algumas embarcações particulares e da Marinha, sendo demitido de todos os empregos por pressão dos oficiais da Marinha. Em 1917, começou a trabalhar como pescador para sustentar a família. Até os últimos dias de vida, João Cândido e sua família viveram na miséria. Falece em 6 de dezembro de 1969, aos 89 anos.

João Cândido, o Almirante Negro, é um símbolo de luta e valorização do povo negro, na conquista de valores e dignidade, respeito e cidadania. Ele deu o exemplo em todas as dimensões de um testemunho pela conquista e resgate da justiça para todos os companheiros. O Almirante Negro, lá do Rio Grande do Sul, deixou para nós

negros e negras o legado de sua luta pela conquista de direitos iguais para a raça negra.

A revolução farroupilha e a batalha de porongos

As pesquisas a respeito da Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos conta que trata-se de uma guerra regional, de caráter republicano, contra o governo Imperial do Brasil, que resultou na Declaração de Independência da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, tornando-se a República Rio-Grandense. A guerra durou 10 anos, de 1835 a 1845.

LANCEIROS NA GUERRA DOS FARRAPOS

Os Lanceiros Negros eram negros livres ou libertados pela República com a condição de lutarem como soldados pela causa republicana – ou, por exemplo, escravizados pertencentes aos Imperiais. Em sua grande maioria, foram recrutados entre os negros campeiros e domadores das Serras dos Tapes e do Herval (Canguçu, Piratini, Caçapava, Encruzilhada e Arroio Grande). Os Lanceiros eram a Tropa de Choque do Exército Farroupilha. Eram excelentes combatentes de cavalaria. Mantinham com grande habilidade suas armas favoritas: as lanças.

Os africanos escravizados foram os primeiros combatentes colocados na guerra sem armas, expostos ao perigo. Na realidade, a Batalha de Porongos é conhecida como o último confronto da Revolução Farroupilha, onde se deu o massacre de lanceiros de Teixeira Nunes, acompanhados em Porongos, atual município de Pinheiro Machado. Os Impérios foram atacados em 14 de novembro de 1844.

Rio Grande do Sul e a colonização

O RIO GRANDE DO SUL COLONIAL

O Rio Grande abastecia-se de africanos escravizados através do tráfico doméstico, não estabelecendo negociações diretas com o continente africano, ou seja, não participava do tráfico atlântico de escravizados. O Rio Grande abastecia-se de escravos desembarcados nos portos domésticos do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

ORIGENS DOS AFRICANOS NO RIO GRANDE DO SUL

Desses africanos que desembarcavam no Rio Grande do Sul estima-se que 39% eram de Benguelas; 30% eram de Angola; 5% de Rebolo e 3% do Congo. A predominância era Benguela, Angola, Rebolo e Congo.

As charqueadas e principais ocupações

A escravidão africana no Rio Grande do Sul tem início com a necessidade de mão-de-obra para trabalhar nas Charqueadas, onde se preparava a carne seca dissecada, que saía por terra e por mar, principalmente para Minas Gerais – 74% da exportação gaúcha deste produto.

O município de Rio Grande era o mercado de cativos trabalhadores negros para as charqueadas, agricultura e Soldados Negros. Os africanos escravizados estabeleciam-se na Serra Pelada entre o Rio Piratini e a Lagoa dos Patos: Pavão, Santana, São Tomé, Santa Bárbara, Monte Belo, Pelotas e Feitorias. Aí, trabalhavam em criação de gado, salgação de carnes, produção de alimentos e cerâmicas (potes de barro chamados cabungos).

A carne ali produzida era denominada charque – carne

conservada no sal. Para este processo, os negros trabalhavam nas funções de carneador, salgador, tropeiro, graxeiro, cozinheiro e descarnador.

Além do mercado da carne eram alfaiates, carpinteiros, tailpeiros, pedreiros, marinheiros, roceiros, vendedores de alho, cebola, ervas, aipim, farinhas, galinhas, milho e peixes.

Pregão de Negras Minas

Entre outras formas de presença de negras e negros no Rio Grande do Sul, tinha o pregão das Negras Minas, oferecendo pinhão quentinho e peixe frito.

Oliveira silveira e o 20 de novembro

Oliveira Silveira foi professor, poeta e ativista negro. Foi um dos idealizadores do 20 de novembro – Dia da Consciência Negra. Realizou, em 1970, o roteiro do Centro Histórico da Cidade de Porto Alegre, apontando a presença de negros na História, na cultura e no cenário de Porto Alegre. Entre outros lugares, o negro está em Porto Alegre no Museu do Percurso do Negro na cavalgada do Piquete dos Lanceiros Negros contemporâneos, em motivos do dia a dia – em moradias, em formas de trabalho, pontos de encontro, construções de políticas de ações afirmativas; em motivos religiosos; memórias de lutas de resistência; trabalhos forçados na escravidão e diferentes formas e expressões de combate ao racismo no Brasil.

Oliveira Silveira foi um dos criadores do Grupo Palmares, que sempre valorizou e destacou Zumbi como o herói nacional que é, mas preferiu sempre centrar a evocação no coletivo: 20 de novembro, Palmares, o momento maior (slogan em cartaz e convite em 1973) ou então: Homenagem a Palmares em 20 de novembro, dia da morte heróica de

Zumbi. Afinal, o estado negro foi uma criação da negrada. (Silveira, o vinte de novembro história e conteúdo, 2003, pág. 37. In: Vozes Quilombolas. Uma poética brasileira. Jônatas Conceição da Silva, Salvador, 2004).

DE OLIVEIRA SILVEIRA:
Encontrei minhas raízes
Em velhos arquivos, livros
Encontrei em malditos objetos
Tronco e grilhetas
Encontrei minhas origens
No Leste, no mar, em mim
Nos Tumbeiros
Encontrei em doces palavras
Cantos
Em furiosos tambores
Ritos
Encontrei minhas origens
Na cor da minha pele
Nos lanhos de minha alma
Em mim
Em minha gente escura
Em meus heróis altivos
Encontrei-as, enfim
Me encontrei OLIVEIRA SILVEIRA, 1981

Os territórios afro-brasileiros em Porto Alegre

Os territórios afro-brasileiros em Porto Alegre apontam para referências espaciais, lugares onde negros e negras trabalharam, lutaram, construíram e elebraram seus ancestrais, seus mitos e rituais. São lugares de práticas culturais, de modos de vida dos negros, de afirmação de contextos sociais –lugares de reconhecimento, no contexto social, do negro em sua qualidade de grupo étnico-racial, cultural com seus princípios e valores.

Estes territórios afirmam Porto Alegre em sua realidade pluriétnica, multirracial e multicultural.

SÃO LUGARES E TERRITÓRIOS NEGROS EM PORTO ALEGRE

O Pelourinho, o Mercado Público, o Largo da Força, Campo da Redenção, Colônia Africana, Ilhota, Quilombo do Areal, Largo Zumbi dos Palmares.

NOVOS ESPAÇOS NEGROS EM PORTO ALEGRE

Vila Cruzeiro, Vila São José, Bairro Leopoldo, Vila Restinga – lugar da maior população negra de Porto Alegre, onde se encontra a Sociedade Recreativa Beneficente. O Estado maior da Restinga é a Sociedade Recreativa Beneficente.

Organizações que constituem o percurso negro

O Museu do Percurso Negro guarda essas memórias espalhadas na cidade de Porto Alegre e no interior do Estado em forma de: Clubes Negros, Cordões Carnavalescos Negros, Escolas de Samba Tradicionais Negras, Terreiros de Candomblé, Terreiros de Umbanda, Espaços de Capoeira, Maculelê, Jongo, Maracatu, Congadas, Ensaios, Rodas de Samba, Moçambiques, Taieiras, Ticumbis, Quilombos Urbanos e Rurais e Escolas de Samba.

Essa tradição foi criada pelas diversas categorias de africanos escravizados entre domésticos, aguadeiros, moradores de sobrados e cortiços, escravizados de ganho, de aluguel, acendedores de lampião, todos a caminho da liberdade, em busca da compra de alforrias. Era assim que a luta cotidiana era, ao mesmo tempo, luta por cidadania e afirmação de sua identidade negra. As marcas dessa identidade ficaram nas ruas, nos chafarizes, no mercado, nas riquezas geradas pelo ciclo do ouro e os diferentes caminhos percorridos por angolanos, maçanganos (Moçambique) e

outros vindos da Costa da Mina (os Minas), de Cabo Verde (os Cabo Verde), os da Guiné e os do Congo. Sobressaem no Rio Grande do Sul negros procedentes da Costa do Ouro (os Fantis); da Costa dos Escravos, Guiné Meridional: Bantos, Angola, Cassange e Congos.

A colônia africana em Porto Alegre

A colônia africana resultou de um loteamento. Negros que viviam em áreas distantes da cidade foram adquirindo seus terrenos e construindo seus sólidos chalés, casas de madeira. Assim o fizeram meus bisavós Carolina e Benedito Oliveira: a casa deles, situada à Rua Esperança, foi edificada em 1902 e demolida por conta da destruição feita pelos cupins em 1994. Ela era uma negra exímia doceira, ele um preto alto, forte, que exercia a profissão de padeiro. (Colonos e Quilombolas, todos negros. Pág. 003. Prof Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. In: Colonos e Quilombolas, 2010.)

A associação satélite prontidão

AS NOVAS IDEIAS DE UMA HISTÓRIA DE 109 ANOS

“A preservação dos clubes e sociedades negras é uma questão de mais alta relevância, se considerarmos que eles são nichos culturais e representam fragmentos preciosos da história e cultura do país”. (Palavra do Presidente Nilo Alberto Feijó – Presidente da Associação Satélite Prontidão, 2011).

Griots = Grios

Da oralidade para a escrita, as falas dos Griots (Griós) nos contam as histórias dos ancestrais. É a memória viva de

nosso passado, com lições de vida para o presente e ensinamentos preciosos que orientam nosso futuro.

São griós no Rio Grande do Sul aqueles que, segundo Giba-Giba, “mantêm a sobrevivência africana na manha”, por exemplo: Dona Syrley Amaro é daquelas carnavalescas da gema. Ela é uma mestra Grió, realiza a preservação da tradição oral. Maria Amaro é também uma Grió e, ao mesmo tempo, tem uma casa de religião afro-brasileira.

A contribuição do negro na musicalidade do Rio Grande do Sul

A música do Hino da República Rio-Grandense, hoje Hino do Rio Grande do Sul, é de autoria do maestro Joaquim Mendanha – homem negro mestiço.

A Milonga Afro-Platina eram palavras jogadas, em forma de conversa solta.

A Vanera era de origem Afro-Cubana. O maculelê tinha articulação com as danças gaúchas.

As organizações culturais negras eram acompanhadas de músicas, instrumentos musicais, ritmos criados por artistas negros, entre os quais os tambores têm forte repercussão e significado. Dentre os tambores há um grande destaque para o Sopapo.

O sopapo é o atabaque rei

Instrumento de origem africana que tem uma força espiritual. Pertence a Xangô, assim rezam as lendas. Para manuseá-lo, é dever do músico pedir licença a Xangô pela grande espiritualidade que ele representa. Se você obedecer às regras para o seu manuseio, tocar o sopapo vai lhe trazer boa sorte. O carnaval antigo usava o Sopapo.

Pelotas chegou a ser classificada como o 2º ou 3º carnaval do Brasil, por causa do Sopapo. Vinham turistas da Argentina, do Paraguai, do Uruguai, do Chile e do Peru. Os homens que se veem hoje em Olinda, Pernambuco ou Orlando, nos Estados Unidos, eram aqui de Pelotas, eram as Bruxas da Várzea. Aqui em Pelotas, os blocos eram muito grandes. Aqui nós tínhamos a Girafa da Cerquinha, o King Kong, o Bloco do Galo, o Bloco do Papagaio, Bloco do Bode, Bloco do Camelo, Bloco do Dromatório.

São carros exuberantes, carros alegóricos. Nesse tempo não existia samba-enredo, não tinha Harmonia, há quem afirme que o Sopapo é o Pai do Samba e a Cuíca é a Mãe do Samba.

Grandes sopapeiros

Dunga, Caloca, Pássaro Azul, Bucha, Wilmar, Pandorga, Zé Carlos, Vassourinha e Banha.

“O meu equilíbrio é o ritmo. A alegria de tocar tambor”.

Dois grandes músicos e pensadores que resgataram o tambor Sopapo: Mestre Batista e Mestre Giba-Giba.

MESTRE BATISTA

Neives de Meireles Batista fundou a Imperatriz Zona Norte em 1910, em Pelotas. Mestre de bateria, foi motorista de táxi, trabalhou em fábrica de vidros e curtumes. “Eu tinha a África nas veias. Eu tinha na alma, nas veias, esta virtude da percussão não aprendi com ninguém. Já fui até Mestre Griot” (MESTRE BATISTA).

MESTRE GIBA-GIBA

Gilberto Amaro do Nascimento é o homem dos 150 anos, não revela jamais sua idade. Artista, ativista, marca a



**O MEU EQUILÍBRIO É
O RITMO. A ALEGRIA
DE TOCAR TAMBOR**

história e a cultura do Rio Grande do Sul. Fundou a Praiana, 1ª Escola de Samba de Porto Alegre; idealizou o Cabobu, festival que retirou do esquecimento um dos ícones da cultura afro-descendente do Extremo Sul do Brasil – o Sopapo. Percussionista nato, filósofo contemporâneo, como o classifica Mestre Batista. Homem de opiniões fortes, é contra os burocratas do estado a quem culpa pela não continuidade da produção cultural autêntica das regiões brasileiras (Pág. 41. Em o Grande Tambor. COTARSE, 2000).

As religiões afro-gaúchas

Há três religiões principais na tradição religiosa negra no Rio Grande do Sul:

- ◆ Batuque – Orixás – Linha Cruzada
- ◆ Exus, pomba-gira, ciganos – Umbanda – caboclos, índios, pretos velhos

Batuques

A origem do Batuque é a nação Bantu. O berço dessa expressão de religiosidade é Pelotas e Rio Grande. Há diversas nações: canzas, urucungos e marimbas. A casa mais antiga em Porto Alegre é da Nação Cocumbis, Casa de Mãe Rita.

As origens falam do Candomblé, uma das consideradas manifestações proibidas, desde os primórdios das Irmandades do Rosário – Procissão Negra do Rosário na Rua dos Andradas. Segundo o IBGE – 2005, o Rio Grande do Sul tem o maior número de adeptos declarados de terreiros. A Nação Oyó mais antiga do Estado cultua 12 orixás: Bará, Ogum, Iansã, Oyá, Xangô, Oba, Odéfortim, Ossanha, Xapanã, Yemanjá e Oxalá.

GLOSSÁRIO

Para entender certas expressões das religiões afro-brasileiras

ADJÁS Sineta ritual

ALADÊ Pessoa que toca nos rituais

ASSENTAMENTO Representação ritual dos ancestrais
Orixás, Voduns, Inquinces, Caboclos.

AXÉ Força vital

BABALORIXÁ Zelador de Orixá

BELZEBU Entidades cultuadas na cultura Quimbanda

BORI Preparação da cabeça

EBÓ Oferenda

GUIAS Colares, contas consagradas

Imprensa negra no Rio Grande do Sul

Diários contemporâneos:

- ◆ Jornal da Várzea
- ◆ Pelotas Biricum
- ◆ Revista da Costa
- ◆ Doce Jornal
- ◆ O Exemplo – pioneiro

Os quilombos gaúchos

A resistência do escravizado gaúcho à escravidão foi cotidiana, ocorreu em quase todos os momentos da história regional, sempre em luta pela liberdade. Os quilombos gaúchos se constituíram principalmente nas serras, nas matas ou próximos aos cursos de água, por isso, muitos se concentraram nos arredores de Porto Alegre e às margens do Rio Guaíba.

Os primeiros quilombos citados são do Negro Lucas, na Ilha de Marinheiros, em Rio Grandense; o Quilombo de Pelotas; os Quijilos de Rio Pardo e o Barba Negra.

O termo Remanescente, que deriva da palavra remanescer, cujo sinônimo é sobra, subverte a etnologia da palavra. Comunidade Remanescente de Quilombo não é resíduo, mas sim, continuidade, complementariedade, modos de vida soprados pelos ancestrais. (Georgina Helena Lima Nunes. Espaços possíveis por onde cartografar Quilombos. R.S. Negro, 2010).

Os quilombos no Rio Grande do Sul: a historiadora/antropóloga Rosane A. Rubert propõe uma pré-classificação das comunidades negras por regiões. Região do Litoral LAGUNAS Casca, Teixeiras, Beco das Coloidianos (Mostardas), Morro Alto, Prainha, Ribeirão (Maquine), Palmares do Sul, Terra de Areia, Olhos D'Água, Capororocas, Iguapés, Capivari do Sul, Aguapés, Bojuru, Morro do Chapéu (Três Forquilhas).

- ◆ **Região Metropolitana e Serrana** Alfes, Serraria, Areal da Baronesa, Quilombo Família Silva, Cantão das Lombas, Ipê, Nova Real, Mato Leitão, Chácara Barreto, entre outras.
- ◆ **Região dos Pampas e Antigas Charqueadas** Cerro do Ouro, Calheira, Rincão dos Negros, Vila da Lata, Palmas, Pedra Grande, Santa Teresa, Rincão do Quilombo e Rincão das Dutras.
- ◆ **Região Planalto Médio – Uruguai** Butiol, Paiol Queimado, Arvinha, Passo do Araçá, Família de S. Nenério, P. Comunidade do Bino, entre outras.

Personalidades negras

- ◆ **Angela Beatriz Rodrigues** Personalidade negra
- ◆ **Rosélia** Mulher gaúcha simples e guerreira
- ◆ **Rosângela das Neves Teixeira** Guerreira Negra
- ◆ **Oliveira Silveira** Professor, poeta, ativista

- ◆ **Daiane dos Santos** A ginasta medalha de ouro
- ◆ **Ronaldinho gaúcho** Escolhido o melhor jogador do mundo em 2005 e 2006
- ◆ **Lupicínio Rodrigues** Porto Alegre era seu berço querido e todo o seu universo
- ◆ **Alceu Collares** Deputado Federal por vários mandatos (1º Governador Negro)
- ◆ **Paulo Renato Paim** Foi líder sindical, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, hoje Senador da República e autor do Estatuto da Igualdade Racial.

CLUBES NEGROS

Os clubes negros do Rio Grande do Sul são considerados espaços de resistência. São clubes de muita alegoria, extrema moralidade, rigidez de costumes, vestimentas a rigor, tudo contribuindo para uma imagem positiva e caminhos de mobilidade social para os descendentes de africanos. Embora sem ocupar cargos de status elevados socialmente, eram negros com trabalho, com salário, que se associavam para construir com a sociedade. Estes são os clubes mais famosos: Braço é Braço, Centro Cultural Zumbi dos Palmares, Centro São Jerônimo de Pai Xangô, Clube 13 de Maio, Clube Floresta Aurora.

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

Uma breve síntese de santa catarina

02



A presença do negro, enquanto agente histórico, está inserida no contexto sociopolítico de Santa Catarina. A literatura, imprensa, teatro, música e política andaram de mãos dadas entre o final de século XIX e meados da década de 1960. A população negra não foi mera espectadora das mudanças sociais, aliás, ela influenciou e pensou as diretrizes culturais para o Estado. Essas múltiplas trajetórias não ficaram alheias aos desafios de sua época e, ainda hoje, se fazem sentir no cotidiano da cidade.

Em fins do século XIX, a pequena cidade de Florianópolis (ainda Desterro) abrigava reduzido grupo populacional. Segundo relatórios provinciais, a população era de aproximadamente 11.091 indivíduos, sendo que, destes, 26% estavam sob o regime da escravidão. Os novos rumos na economia nacional, aliados às leis de combate à escravidão, animavam a criação de clubes abolicionistas a tal ponto que, em 1888, quando da assinatura da Lei Áurea, já não mais havia negros escravizados em Santa Catarina, ao menos legalmente. O desejo de se abolir as antigas relações escravocratas influenciou na composição do hino do Estado em 1892, com letra de Horácio Nunes Pires e música de José Brasilício de Sousa. O hino sintetizou o pensamento liberal, republicano e maçom do final do século XIX, cuja proposta era o tratamento igualitário entre brancos e negros pelo Estado, visando ao progresso que a sociedade necessitava.

(...) Não mais diferenças de sangue e raças, Não mais regalias e termos fatais, A força está toda no povo, nas massas, irmãos, somos todos e todas iguais. Da liberdade adorada. No deslumbrante clarão, banha a frente ousada e avigora o coração. FRAGMENTO DO HINO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, INSTITUÍDO PELA LEI 144 DE 6/09/1895

Personalidades negras catarinenses

◆ João da Cruz e Sousa

Filho dos negros alforriados Guilherme da Cruz, mestre-pedreiro, e Carolina Eva da Conceição, João da Cruz, desde pequeno, recebeu a tutela e uma educação refinada de seu ex-senhor, o Marechal Guilherme Xavier de Sousa, de quem adotou o nome de família, Sousa. A esposa de Guilherme Xavier de Sousa, Dona Clarinda Fagundes Xavier de Sousa, não tinha filhos, e passou a proteger e cuidar da educação de João. Ele aprendeu francês, latim e grego, além de ter sido discípulo do alemão Fritz Müller, com quem aprendeu Matemática e Ciências Naturais.

Em 1881, fundou o jornal *Tribuna Popular*, no qual combateu a escravidão e o preconceito racial. Em 1883, foi recusado como promotor de Laguna por ser negro. Em 1885, lançou o primeiro livro, *Tropos e Fantasias*, em parceria com Virgílio Várzea. Cinco anos depois foi para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como arquivista na Estrada de Ferro Central do Brasil, colaborando também com o jornal *Folha Popular*. Em fevereiro de 1893, publica *Missal* (prosa poética baudelairiana) e, em agosto, *Broquéis* (poesia), dando início ao Simbolismo no Brasil que se estende até 1922. Em novembro desse mesmo ano, casou-se com Gavita Gonçalves, também negra, com quem teve quatro filhos, todos mortos prematuramente por tuberculose, levando-a à loucura.

Faleceu em 19 de março de 1898 no município mineiro de Antônio Carlos, num povoado chamado Estação do Sítio, para onde fora transportado às pressas, vencido pela tuberculose. Teve o seu corpo transportado para o Rio de Janeiro em um vagão destinado ao transporte de cavalos.

Ao chegar, foi sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier por seus amigos, dentre eles José do Patrocínio, onde permaneceu até 2007, quando seus restos mortais foram então acolhidos no Museu Histórico de Santa Catarina – Palácio Cruz e Sousa, no centro de Florianópolis.

Cruz e Sousa é um dos patronos da Academia Catarinense de Letras, representando a cadeira número 15.

Embora quase metade da população brasileira seja não-branca, poucos foram os escritores negros, mulatos ou indígenas. Cruz e Sousa, por exemplo, é acusado de ter se omitido quanto a questões referentes à condição negra. Mesmo tendo sido filho de escravos e recebido a alcunha de “Cisne Negro”, o poeta João da Cruz e Sousa não conseguiu escapar das acusações de indiferença pela causa abolicionista. A acusação, porém, não procede, pois, apesar de a poesia social não fazer parte do projeto poético do Simbolismo nem de seu projeto particular, o autor, em alguns poemas, retratou metaforicamente a condição do escravo. Cruz e Sousa militou, sim, contra a escravidão. Tanto da forma mais corriqueira, fundando jornais e proferindo palestras (por exemplo, participando, curiosamente, da campanha anti-escravagista promovida pela Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro), quanto nos seus textos abolicionistas, demonstrando desgosto com a condução do movimento pela família imperial.

Livros publicados:

Broquéis (1893, poesia), Missal (1893, poema em prosa), Tropos e Fantasias (1885, prosa – em conjunto com Virgílio Várzea), Evocações (1898, poemas em prosa), Faróis (1900, poesia), Últimos Sonetos (1905, poesia), O Livro Derradeiro.

◆ **Antonieta de Barros**

Nascida em Florianópolis, em 17 de julho de 1901, foi uma jornalista e política brasileira. Foi também a primeira mulher a participar da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Deputada estadual nas legislaturas de 1935 a 1937 e de 1947 a 1951, Antonieta teve que romper muitas barreiras para conquistar espaços que, em seu tempo, eram inusitados para as mulheres, e mais ainda para uma mulher negra. Nos anos 1920, deu início às atividades de jornalista, criando e dirigindo em Florianópolis o jornal *A Semana*, mantido até 1927. Três anos depois, passou a dirigir o periódico *Vida Ilhoa*, na mesma cidade. Como educadora, fundou, logo após ter se diplomado no magistério, o Curso Antonieta de Barros, que dirigiu até a sua morte. Lecionou, ainda, em Florianópolis, no Colégio Coração de Jesus, na Escola Normal Catarinense e no Colégio Dias Velho, do qual foi diretora no período de 1937 a 1945.

Na primeira eleição em que as mulheres brasileiras puderam votar e serem votadas, elegeu-se deputada estadual. Tornou-se, desse modo, a primeira mulher negra a assumir um mandato popular no Brasil. Foi também a primeira mulher a participar do Legislativo Estadual de Santa Catarina. Depois da redemocratização do país, com a queda do Estado Novo, concorreu a deputada estadual nas eleições de 1945, obtendo a primeira suplência.

Assumindo a vaga na Assembleia Legislativa em 1947, cumpriu seu mandato até 1951. Usando o pseudônimo literário de Maria da Ilha, escreveu o livro *Farrapos de Idéias*. Faleceu em Florianópolis no dia 28 de março de 1952.

A Assembleia Legislativa de Santa Catarina concede anualmente a Medalha Antonieta de Barros a mulheres

com relevantes serviços em defesa dos direitos da mulher catarinense.

◆ **Ildefonso Juvenal da Silva**

Nascido em Florianópolis, em 10 de abril de 1894, Ildefonso Juvenal da Silva formou-se em Farmácia pelo já extinto Instituto Politécnico de Santa Catarina, em 1924. Membro da Associação dos Homens de Cor, em 1915 promoveu atividades cívico-literárias sobre o 13 de maio, e também no ano de 1915 foi editor do jornal literário Folha Rósea. Em 1918, auxiliou na alfabetização dos praças na Força Pública, exercendo patente de Sargento. No ano de 1923, é nomeado 2º Tenente da Força Pública.

Foi um dos fundadores do Centro Catarinense de Letras, em 1925. Já em 1948, compôs a subcomissão de Folclore do Estado de Santa Catarina. Foi redator de diversos jornais da capital e Diretor da Biblioteca Municipal de Florianópolis. Faleceu aos 71 anos, em 9 de março de 1965. Sua extensa produção literária ainda aguarda maior valorização e reconhecimento por parte de governantes e estudiosos.

Livros publicados:

Contos Singelos, Páginas Simples, Florianópolis, Questão de limites: Paraná e Santa Catarina, Painéis, Relevo, Nestor Vitor e Cruz e Souza, dentre outros.

◆ **Demerval Cordeiro**

Tipógrafo de profissão, foi membro da Liga Operária de Florianópolis, em 1929. Também foi membro da antiga Força Pública (atual Polícia Militar de SC) e destacou-se, em sua carreira militar, por ser brilhante orador. No campo intelec-

tual, compôs a equipe de pesquisa e redação sobre o centenário da Força Pública, no ano de 1936, juntamente com o militar Ildefonso Juvenal. Sua preocupação com a preservação da história militar catarinense levou-o a escrever uma publicação sobre a fundação do corpo de bombeiros em 1952. Orador talentoso, destacava-se nas cerimônias cívicas e seus artigos eram publicados em jornais e revistas.

◆ **Maestro João Rosa Júnior**

Natural do município de Tijucas, nasceu em 02 de dezembro de 1882. Estudou música no exército e, no ano de 1912, já regia uma banda musical em Jaraguá do Sul. De grande talento musical, compôs o dobrado “Dai a Cesar o que é de Cesar”, ainda hoje tocado pela banda musical da Polícia Militar de SC. Sua carreira literária surgiu após estar completamente cego – João era portador de glaucoma – , mesmo assim, publicou três livros de poemas: Pleitos de homenagens (1924), Através de tudo que é divino (1925) e Extremos (1930). João nos deixou cedo, em 10 de outubro de 1932. Seus descendentes ainda preservam a memória deste grande catarinense que soube como ninguém lutar contra as adversidades da vida.

◆ **Neide Maria Rosa**

Neide Maria Rosa foi uma das principais cantoras de Santa Catarina e é um nome essencial quando se fala na construção da identidade cultural de Florianópolis, pois ela ajudou a projetar Santa Catarina artística e culturalmente em outros estados brasileiros e abriu portas para vários músicos locais. Ela é considerada a mais importante cantora popular de Santa Catarina até hoje – “Uma voz com a suavidade das Marias e a

beleza das rosas”, como declarou a madrinha artística Elizete Cardoso, na esteira de sua admiração por ela.

Nascida em Florianópolis, na Rua Menino Deus, em 11 de abril de 1936, Neide começou sua carreira no rádio, aos 13 anos de idade, como cantora. A partir de um concurso que venceu, começou a trabalhar na Rádio Guarujá e pouco tempo depois na Rádio Diário da Manhã, onde era cantora, radioatriz e locutora, nas décadas de 1950 e 1960.

Conhecida pelo timbre de voz e pela capacidade de fazer até quatro personagens diferentes em uma mesma radionovela, teve seu talento reconhecido por Elizete Cardoso, cantora de renome e sucesso nacional que, após conhecer Neide durante a passagem para um show em Florianópolis, em 1962, convenceu a catarinense a ir tentar a carreira no Rio de Janeiro.

Na capital fluminense, gravou seu primeiro compacto e morou na casa de Elizete Cardoso entre 1964 e 1970, quando teve a oportunidade de conhecer grandes nomes da música como Baden Powell, Elis Regina e Jacob do Bandolim.

Entre suas atividades, estrelou o espetáculo Sua Excelência, o Samba, que ficou durante quase um ano em cartaz no Golden Room do tradicional Copacabana Palace. Além disso, participou, em 1967, do II Festival Internacional da Canção, quando classificou composições de Edu Lobo e Paulo Gustavo da Silva Constanza entre as 20 finalistas e ficou com o segundo lugar na premiação de melhor intérprete do festival, perdendo para Milton Nascimento.

Participou de outros festivais de música, como o de Juiz de Fora, onde foi escolhida a melhor intérprete, e a I Bienal do Samba de 1968, quando defendeu a música Protesto Meu Amor, de autoria de Pixinguinha.

Na TV, apresentou-se em programas como o do apresentador Flávio Cavalcanti e o de Sérgio Porto, o Stanislav Ponte-Preta. Foi, inclusive, durante o primeiro programa de Stanislav Ponte-Preta que participou que Neide, por sugestão de Elizete Cardoso, junta o “Maria” e o “Rosa” de seu nome, e passou a assinar artisticamente como “Neide Mariarrosa”

Em 1965, a Prefeitura de Florianópolis lançou um concurso para escolher uma música que representasse a Capital dos catarinenses.

Na ocasião, o amigo e poeta Zininho convidou Neide, então a mais famosa cantora do Estado, para interpretar seu Rancho de Amor à Ilha, que ele havia composto especialmente para o concurso.

*Ilha da moça faceira da velha rendeira tradicional ilha da
velha figueira onde em tarde fagueira vou ler meu jornal tua
lagoa formosa ternura de rosa poema ao luar cristal onde a
lua vaidosa sestrosa, dengosa vem se espelhar.*

Neide gravou a música acompanhada do grupo Titulares do Ritmo. O Rancho venceu o concurso e, em 1968, foi oficializado como hino da cidade.

Apesar de todo o sucesso em shows e festivais, em 1970 Neide voltou para Florianópolis. O que era para ser apenas uma visita de Natal à família, transformou-se em um retorno definitivo à cidade. Sobre essa volta, as opiniões de parentes e amigos são diversas. Há quem diga que Neide teve um grande desgosto no Rio de Janeiro e por isso resolveu voltar, há quem diga que foi saudade.

Na década de 1990, Neide fica muito debilitada devido a um câncer e à osteoporose. Amigos promovem dois shows para angariar fundos para o tratamento; no último,

denominado Cristal de Dezembro, de 1993, Neide canta sentada em uma cadeira de rodas: a cantora não tinha forças para ficar em pé, mas a força de sua voz ali, sentada, é indescritível. Neide Maria Rosa perde a batalha em setembro de 1994. No seu enterro foram tocadas canções que Neide admirava, conforme a mesma havia solicitado tempos antes de morrer, como Carinhoso, de Pixinguinha.

Em 2004, Neide ganha mais uma faceta: é homenageada pela escola de samba de Florianópolis, Consulado do Samba, com o enredo Uma Rosa para Neide Maria, de Alfredo José Beirão e Carlos Alberto Vieira, o Duda. No samba, aliás, Neide pode ainda ter sido uma pioneira na cidade, a primeira mulher a ser puxadora de samba de Florianópolis: puxou o samba da escola Protegidos da Princesa, no início da década de 1980.

Manifestações culturais

O OROCONGO

O instrumento é com casca de coco ou porongo. Era também utilizado para fazer cuia de chimarrão e utensílios que auxiliavam nas tarefas de cozinha e nas vendas, para pegar e medir os alimentos em grãos. O braço do orocongo é de madeira e sua forma lembra um violino. Possui apenas uma corda, que é de crina de cavalo ou de corda para violino. Usa-se o orocongo tocando levemente com uma mão, enquanto a outra apoia o instrumento no peito, abaixo do ombro.

O BOI DE MAMÃO

Segundo o estudioso Jone Cesar de Araújo, o Boi de Mamão é uma brincadeira introduzida pelos africanos em território

catarinense. Segundo ele, quando os açorianos chegaram a Santa Catarina, adotaram o boi de mamão, pois este folguedo também era elemento de sua cultura, o “boi na corda”.

O boi de mamão é frequente nas comunidades negras do litoral. Na região sul, se encontram também manifestações que se referem ao boi-bumbá.

Embora, em Santa Catarina, o boi de mamão seja considerado conteúdo da cultura açoriana em regiões diferentes, os negros são as referências desse folguedo, como é o caso de Gentil do Orocongo, em Florianópolis, e Manoel Rosa, o Manequinha, em Jaraguá do Sul.

O cacumbi em santa catarina

Segundo Tinhorão (2008, p.111), entre 1662 e 1667 já existia uma irmandade de negros no Brasil, sendo que a primeira de que se tem notícia foi criada em Olinda – PE, por volta de 1552. Em 1667 é construída, em Recife, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que dá origem, em nosso território, aos autos de coroação de rainhas e reis negros, dos quais se derivam várias das manifestações no país, como as congadas e os cacumbis.

Os cacumbis em Santa Catarina são uma tradição mantida pelas comunidades negras contemporâneas com contatos extremamente consistentes com a população africana escravizada.

Essas danças dos negros vêm desde o período da escravidão, em que africanos escravizados poderiam dançar nos domingos e no Natal. Por vezes, tomavam as ruas à época das festas, o que nem sempre era permitido.

As proibições não foram suficientes para coibir a tradição do cacumbi em Santa Catarina. Como cultura popular

inserida no universo das tradições de matriz africana, o cacumbi foi manifestação existente nos municípios de Florianópolis, São José, Biguaçu, Lages, Laguna e Penha. Em Florianópolis, sabe-se de alguns grupos de cacumbis, sendo que o registro mais antigo é o da Lagoa da Conceição, em 1855. Porém, é o cacumbi do Capitão Amaro aquele de que mais se tem informações. Este cacumbi está ligado à comunidade do Morro da Caixa. Sua referência é o saudoso Capitão Amaro Francisco Campos, falecido em 1991, aos 86 anos, que liderou, durante décadas, a tradição que resgata a corte do reino africano do Congo. Em Biguaçu, o cacumbi, também conhecido como quicumbi, resiste até a década de 1950. No município, o quicumbi era comandado por Matias Satírio Bittencourt, primo do Capitão Amaro.

O quilombismo em Santa Catarina

Em Santa Catarina, não houve um quilombo na dimensão de Palmares, mas também existiram diversos quilombos espalhados pela província, símbolo da busca pela liberdade dos marginalizados, sobretudo os negros escravizados e indígenas.

Segundo o Incra, em Santa Catarina estima-se haver 200 comunidades remanescentes de quilombo e, dessas, apenas 8 estão certificadas, enquanto as outras encontram-se em processo de auto definição. Cada uma, com suas especificidades, foi expropriada parcialmente ou na totalidade das suas terras. Os pontos de convergência entre elas são as lutas pela titulação das terras e pelo desenvolvimento sustentável.

COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM SANTA CATARINA

Invernada dos Negros, em Campos Novos; Campos dos

Poli, em Fraiburgo; Quilombo de São Roque, que abrange o município de Praia Grande, em Santa Catarina, e o município de Mampituba, no Rio Grande do Sul; Comunidade de Santa Cruz, no município de Paulo Lopes; Quilombo do Morro do Fortunato, no município de Garopaba; Quilombo Aldeia, também no município de Garopaba; Quilombo Sertão do Valongo, no município de Porto Belo; Quilombo do Morro do Boi, no município de Balneário Camboriú; Quilombo dos Cafuzos, no município de José Boiteux.

Uma breve síntese do Paraná

03



O Paraná é o primeiro Estado mais negro da Região Sul do Brasil. Há uma expressiva contribuição da cultura paranaense de origem negra à cultura nacional em diversas áreas.

Música

Há uma produção musical no Paraná que anima as tradições culturais e religiosas: Congada, Batuque, Boi de Mourão, Dança de São Gonçalo, Capoeira, Homenagem a São Benedito, Rainha Janja de Angola, além das produções de teatro e música.

Dança

Destaca-se o Grupo Dança-Afro, Asa ibile, Grupo Ka-Naombo, Ginga total, Companhia de Música e Dança Khunken, Balé da Comunidade Quilombola Paiol da Telha.

Carnaval no Paraná

A cidade de Paranaguá, a mais antiga do estado, desde o século XVIII brinca o Entrudo por três dias e três noites, parando à meia-noite da terça-feira de Carnaval, espalhando-se aos poucos, entre ruas, praças e clubes da cidade.

O destaque do Carnaval, no interior paranaense, é o da Cidade de Tibagi. De Londrina vem a primeira Escola de Samba do Estado, ligada à Associação Recreativa Operária. O primeiro grupo de Samba de Londrina é o Ziriguidum.

Em Foz do Iguaçu existem oito Escolas de Samba. Em Maringá, Ivatá e São José dos Pinhais há blocos para animar os foliões. Em 1954, foi inaugurado o Clube Estrela da Manhã por lideranças negras. Em 1950, começam os Carnavais de Salão – brancos para um lado, negros para outro.

Até 1970, negros e brancos dançavam em clubes separados. Para muitos moradores de Tibagi, o carnaval foi muito importante para diminuir os preconceitos de raça.

Grupos culturais

Grupo Arte Negra, Grupo Escolhido A Dedo, Grupo Itamaduni, Grupo Asa Ibile, Ka e Naomo, companhia de Música e Dança Kun-Dum Balé.

Artes plásticas

As artes plásticas se iniciam no Paraná em 1807 com um artista negro – João Pedro, primeiro artista paranaense de que se tem notícia. Há um biênio em torno deste artista. Entre outros temas, ressalta a beleza da mulher negra.

- ◆ **Obelisco Espelho D'Água** O homem nu, em homenagem à emancipação do Paraná na Praça 19 de Dezembro, centro de Curitiba, com traços negros bem evidentes, com semelhança a uma escultura egípcia.
- ◆ **Waldo Monanga** Escultor autodidata, trabalha na madeira traços que valorizam a cultura africana e afro-brasileira.
- ◆ **Cláudio Kambé** Paranaense de Kambé, articula realidade e fantasia.

Arquitetura

Em 1578, escravizados e libertos construíram em Paranaguá a primeira Igreja do Paraná em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Também em Paranaguá, a Igreja de São Benedito foi construída por pessoas negras em 1737.

Faróis do saber

Os faróis do saber são inspirados no Farol da Biblioteca de Alexandria, no Egito. Alexandria foi a capital do Egito e hoje é a sua segunda cidade. Em Curitiba, os faróis do saber são bibliotecas públicas municipais.

André Rebouças

O Engenheiro André Pinto Rebouças nasceu em Cachoeira, na Bahia, e participou de todos os Movimentos Abolicionistas. Foi o primeiro engenheiro a propor em 1876 que fossem criados parques nacionais no Brasil, contemplando desde as Sete Quedas até as Cataratas do Iguaçu. Em Curitiba, o nome de um dos bairros é uma homenagem aos irmãos Rebouças – Antônio e André Rebouças.

Educadores negros

São educadores e educadoras negros e negras mais conhecidos no Paraná: Ilianete G. Costa, Sydney L. Santos, Jaime G. Dias, Iranildes de Assis, Jairo de Carvalho, Emirane Paulo dos Santos e Celso José dos Santos.

Clubes negros no Paraná

- ◆ **Clube Beneficente 13 de Maio** Sociedade 13 de Maio, 120 anos de história, reinaugurado em 1995. Um dos mais importantes espaços de memória e resistência da população negra de Curitiba e de todo o Paraná.
- ◆ **Clube Estrela da Manhã** O Sr. José Ribeiro ou Zé Biné, com outros companheiros, criou o Clube Estrela da Manhã com o objetivo de agregar os negros de Itabagi. O motivo é o mesmo: pela impossibilidade de participar de outros clubes, idealizaram em 1934 e efetivaram, em 1940, no salão de Dona Inocência, o conhecido Espaço Cai-Cai.
- ◆ **Associação Recreativa Operária de Londrina (Arol)** Um local de reuniões, bailes para que pobres e negros se reunissem em espaços de resistência e busca de liberdade. Segundo Dr. Oscar Nascimento, antigo ativista do Movimento Social Negro, antes havia o Grupo Quadrado.

Festas populares no Paraná

A cavalhada é um dos símbolos, expressões e danças presentes na cultura afro-brasileira e indígena. É uma resistência cultural e afirmação de identidade cultural e racial. São cavaleiros negros, montados em seus belos cavalos, demonstrando habilidades na arte de apresentar-se.

A cavalhada tem os mesmos objetivos de Moçambique e do Cacumbi. Encontram-se congadas paranaenses nas cidades de Curitiba, Paranaguá, Castro e Lapa. A única que sobreviveu foi a da Lapa, assegurada desde a sua origem pela Família Ferreira.

FANDANGO

Dança de origem africana, acompanhadas por rabeca, viola e adufo, em músicas compostas pelos próprios mestres. Os homens usam tamancos de madeira para sapatear, com o ritmo do Fandango. É uma das expressões significativas do Paraná, principalmente no litoral do Estado. As mulheres valseiam com saias longas e coloridas ao ritmo da marcação.

BOI DE MAMÃO

É uma dramatização acompanhada de cantos e instrumentos musicais: rabeca, viola, adufo, sanfona, que se apresenta nas cidades de Antonina e Paranaguá. Festa divertida, com personagens trazidos pelo Cavalinho.

DANÇA DE SÃO GONÇALO

Ritual religioso para pagar promessas. É um movimento de meia lua, formado por duas fileiras, formando um traçado, com evoluções e coreografias. Muitas comunidades quilombolas do Paraná realizam a Dança de São Gonçalo:

comunidade do Sutil, Sírío dos Prelos, João Sura e os remanescentes de Boa Vista, em Arapori.

FESTA DE SÃO SEBASTIÃO

Esta festa é celebrada entre muitas comunidades quilombolas, que festejam São Sebastião, no dia 20 de janeiro, em muitas cidades do Paraná – Jacarezinho e Morretes, principalmente.

As manifestações religiosas

IRMANDADES NEGRAS DO PARANÁ

No Paraná se constituíram muitas Irmandades, as mais antigas: Irmandade do Rosário, a de São Benedito dos Homens Pretos de Curitiba e São Benedito de Marretes.

PROCISSÕES – IRMANDADES

Em Curitiba, em meados do século XIX, nasceram as procissões religiosas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito: muita música, muita dança. Rainha e Rei de Congo eram coroados nas congadas.

Religiões de matriz africana no Paraná

CANDOMBLÉ

Comunidades Quilombolas e Terreiros de religiões de origem africana são símbolos da resistência cultural e política contra o escravismo criminoso, e à imposição de um único modelo que negava a cultura e religiosidade africana trazidas para o Brasil.

No litoral do Paraná, no dia 31 de dezembro, muitas pes-

soas homenageiam a Iemanjá com flores e agradecimentos.

Há adeptos do candomblé no Paraná, em diversas cidades. É a religião dos Orixás. Praticada principalmente na Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

UMBANDA

Forma religiosa brasileira, de base africana, com influência do catolicismo popular, da cultura indígena e do kardecismo. É uma religião praticada por todas as classes – populares, classe média, classe abastada e pobre. No Paraná, existem várias federações que reúnem adeptos da Umbanda.

A umbanda pratica a cura através da medicina tradicional. Em 2008, o Paraná participou da Marcha que comemora 100 anos da umbanda no Brasil.

Quilombos no Paraná

Segundo o grupo de Estudos Clóvis Moura, do Estado do Paraná, existem aproximadamente cem comunidades quilombolas no Paraná, e somente 36 delas foram certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Todas se autodeclararam Comunidades Remanescentes de Quilombos.

A sobrevivência das comunidades remanescentes de Quilombos, no Paraná, tem sua força, principalmente, através da solidariedade, que se realiza principalmente nos trabalhos de: cultivar a terra, criar aves e construir casas e paióis; templos, salões de baile e cercas para as plantações.

ARTES NOS QUILOMBOS

O artesanato desenvolvido no Paraná passa de geração em geração pelas Comunidades Quilombolas: fabricação de

balaios com folha seca, conhecida como Tapoia; tecelagem na serra de APON; peças em argila no município de Castro, na comunidade quilombola de João Surá, em Adrianópolis, na Comunidade Quilombola Sutil, em Ponta Grossa.

RELIGIOSIDADE NOS QUILOMBOS

As Comunidades Tradicionais Negras e Quilombolas do Paraná procuram resgatar as antigas tradições. Realizam festas e celebrações que lembram os antepassados: Romarias de São Gonçalo, Romarias do Divino, Mesada dos Anjos, Recomenda das Almas e Terço Cantado.

TRABALHO NOS QUILOMBOS

Trabalho em forma de mutirões, troca de dias de serviço. As áreas de trabalho são para a subsistência: agricultura, extrativismo, pesca e criação de animais.

USOS E COSTUMES ENTRE QUILOMBOS DO PARANÁ

- ◆ **Pilão** para pilar arroz, milho, amendoim, com o auxílio da mão de pilão.
- ◆ **Casa de farinha** a mandioca depois de lavada, descascada, ralada, peneirada e seca resulta na farinha.

As mulheres cuidam da farinha no momento de torrar. Elas cantam com suas vozes em terça, enquanto a farinha fica pronta.

O negro na sociedade paranaense

A população do Paraná é composta de negros (pretos e pardos) brancos, indígenas e amarelos. O Paraná tem uma grande presença negra e importante participação no cenário paranaense cultural, social e econômico.

No limiar do Século XXI, o Estado do Paraná retirou, pela ação do Grupo de Trabalho Clóvis Moura, o véu que inviabilizava quase uma centena de comunidades negras isoladas em alguns pontos do território paranaense. Elas estão instaladas basicamente ao longo do Vale da Ribeira, passando pela Região Metropolitana de Curitiba (Município de Campo Largo) e chegando às cidades de Ponta Grossa, Castro, Jaguariaíva, e áreas mais extremas, como a cidade de Guaíba. (Pág. 18 Paraná Negro. Funpar Jackson Gomes Júnior. Geraldo Luis da Silva, Paulo Afonso Bacarense Costa. 2008).

MOVIMENTO NEGRO E A LUTA CONTRA O RACISMO NO PARANÁ

Resistências negras no Paraná: campanhas abolicionistas, culturais, religiosas, a luta atual contra o racismo e a violência. Os Quilombos mantêm essa resistência no campo e nas cidades. Lutas atuais, em formas contemporâneas do Movimento Negro: ações de mobilização política; de protesto anti-discriminatório, movimentos artísticos, culturais, religiosos. Todos, articulados em diferentes formas de entidades e organizações não-governamentais (ONGS). As diferentes entidades atuam nas áreas da educação, saúde, mercado de trabalho, pesquisa, cultura, religião, segurança pública, gênero, quilombos, crianças, jovens, meios de comunicação, beleza, política, direito, entre outras áreas.

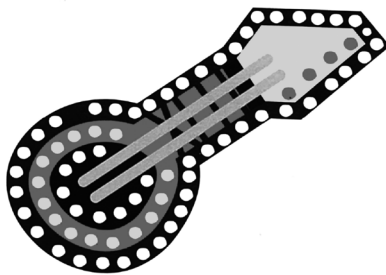
LIDERANÇAS TRADICIONAIS

Delzira Maria Aparecida, Aracy Adorno Reis, Yá Mucumby, Dr. Oscar Nascimento, Maria Lúcia de Sousa, Enedina Alves Marques e Lenira Maria dos Santos Reis.

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

Antologia poética



Ilê, canto de revolução

(Adailton Poesia e Valter Farias)

Eu me sinto parte dessa história
Me coloco sem demora
Nessa luta de honra e glória
Ilê Aiyê, pérola negra, o clamor de uma nação
Hoje é hino, hoje é festa, flor que veio da razão
Essa é a liberdade, luz que clareou o caminho
Despertou força e coragem que vivia em nós dormindo
Eis que a flor de girassol foi silenciosamente
Com razão, fé e cultura espalhando a semente
Eu tenho orgulho de ser Ilê, tenho orgulho de ser Ilê
Tenho orgulho de ter liberdade pra viver
E a raiz brotou da terra, foi curando as feridas
Resgatando identidades, renovando nossas vidas
Foi mudando os conceitos de beleza nação
Ilê Aiyê força divina, fez esta revolução

1º LUGAR POESIA

Meu Ilê

(Marco Boa Morte)

Delírio é viajar ao som do Ilê
Bem-vindo, vem pro Ilê, seja mais um
Sublime a cor do céu todo estrelado, tudo azul
É lindo ver o Ilê do Curuzu
Delírio é viajar ao som do Ilê
Bem-vindo, vem pro Ilê seja mais um
Sublime a cor do céu todo estrelado, tudo azul
Meu Deus, esse é o Ilê do Curuzu
Raça, Ilê Aiyê quando passa
Fico em estado de graça
Pois amo você, meu Ilê
Raça, Ilê o que me basta
Esse amor não se acaba,
Me leve com você
Da mãe natureza cintilar da flor
Onde a semente fez raiz à negra cor
Tem o tom da nobreza, o seu desfilar
É sentimento Ilê Aiyê, amor amar

2º LUGAR POESIA

Ilê transcendental

(Shido e Azulão)

Seu canto exalta esse amor no meu viver
Meu hino à liberdade, punho afro Ilê Aiyê
Flor que vem da Liberdade,
Faz crescer o meu orgulho
Expressão de fé e coragem,
Ilê canto profundo
Afro cósmico, consciência,
Ilê Aiyê transcendental
Em seu canto a vivência da herança ancestral
Cada verso, cada estrofe nessa afro poesia
É um ponto da história que o Ilê nos contagia
Ilê é demais
Fico hipnotizado quando estou no Ilê Aiyê
Fico hipnotizado quando estou no Ilê
Deixa o corpo chorar, para minha alma lavar
Quem sou eu? Eu sou Ilê Aiyê

3º LUGAR POESIA

Viva os negros do sul

(Jóia Santos – Genivaldo Evangelista – Kátia)

No Rio Grande do Sul,
Viveram em processo de segregação
Benguela, Angola, Rebolo e Congo,
Farroupilha a revolução
Das charqueadas à combatentes
Em todas as dimensões é o orgulho da gente
Oliveira Silveira saudando Zumbi
Rosélia e demais quilombolas ai
Almirante símbolo de luta
Rainha do Ilê, também negra gaúcha
Canta Ilê do Curuzu Viva, Viva!
Os negros do sul
Canta Ilê Aiyê do Curuzu Viva, Viva!
Os negros do sul
Africana religiosidade
Lá também tem grito de liberdade
Africana religiosidade
Em bantu batuque, balança a cidade
Santa Catarina, dança cacumbi
João da Cruz e a Ministra Idali
Relações escravocratas
O desejo de abolir
Paraná, carnaval, tanganazambê
Lá também tem, negros que tem no Ilê
Dança fandango, São Sebastião candomblé sua religião
Yá Mucumby, Claudio Kambé
Ziriquidum dança kum-dum balé

1º LUGAR TEMA

Negros do sul

(Dico e Gabi Guedes)

Que negrada é essa, seu moço, é o Ilê Aiyê
É contagiante, é hipnotizante, o seu jeito de ser
Sábado de carnaval vem tocando tambor subindo o Curuzu
Homenageando Santa Catarina, o Paraná e o Rio Grande do Sul
Lá também tem negro, força e tradições
Vindo de Angola, Congo, Benguela, entre outras nações
Todas as comunidades, antigos quilombos dessa região
Marcada pela trajetória da incrível escravidão
Batuque, Umbanda, lendas e orixá,
Mãe África O Ilê Aiyê vem cantar pra você a grandeza da raça
Está situada ao sul do país onde tudo passou
Na Batalha de Porongo, Guerra dos Farrapos, o negro lutou
Trabalhou nas charqueadas, na agricultura e na construção
Povos que não cansaram de lutar pela libertação
A africanidades está na arquitetura e na religião
Está na culinária, na literatura de revolução
A ancestralidade, a cultura do povo ao tempo resistiu
O Ilê Aiyê homenageia os negros do sul do Brasil

2º LUGAR TEMA

Ilê plenitude infinita

(Tica Mahatma)

Frenético canto, simbolizando a raça negra
É o Ilê Aiyê, plenitude infinita, bem querer
Afro tão forte e sublime, vem demonstrar sua grandeza
Ponto de equilíbrio do negro em busca do saber
Expressando toda sua beleza, magia num dom de cantar
Disseminando sua cultura, levando seu povo a bailar
Vem bailar no Ilê, vem bailar
Miscigenando todas as raças
Na crença que vem dos orixás
Agô, agô Ilê Axé, axé babá
Agô, agô liê Mucuiú no Zambí, Oxalá!
Quando o Ilê passa, levantando a poeira desse chão
Quando o Ilê passa, maravilha faz tremer meu coração
Que coisa bela, todo mundo espera
O Ilê Aiyê chegar na passarela
Chega pra cá, venha sentir o prazer

Notável população

(Anderson Anunciação)

Esbanja negritude,
Ilê atitude vem relacionar
Santa Catarina, todo Paraná,
Rio Grande do Sul
Trajetórias e conquistas
Sou perfil azeviche, sou Ilê Aiyê
Militante ativista
Lá tem negro também, exclama o afro pioneiro
Ilê Aiyê antenado ligados aos fatos do mundo negroiro
Nesse contexto, contem cidadania e axé
Censo do povo negro, crioulos do sul, Curuzu candomblé
No sul tem negro também, tem, tem
Batuque axé, ijexá zulu
Sim, lá também tem meu bem tifun
Influência negra, notável população
Visibilidade autoestima, o resgate
Dignidade, respeito, inclusão, Religiosidade,
Sabedoria, virtude e fé
Personalidade ancestralidade,
Yá Mukumby, a força da mulher
Eis o cortejo do Ilê, a raça negra em ascensão
Negros do sul o almirante negro pode swingar
Lá também tem negão

3º LUGAR TEMA

Orgulho da raça

(Alej Santana e Mario Augusto)

O canto do negro ecoou na Liberdade
Através do tambor do Ilê, o orgulho da raça
Hoje eu bato no peito e uso cabelo trançado nagô
A minha identidade é o Ilê Aiyê, Curuzu, Salvador
Na Senzala Barro Preto, candomblé religião
Canta negro, canta alto, pra alertar essa nação
Vamos dar as mãos negão, erga essa cabeça
A luta continua, a vitória é nossa pode ter certeza
O negro unido jamais será vencido
A fé que eu tenho nessa raça
Guerreiro nunca foge à luta
Na Senzala Barro Preto, candomblé religião
Canta negro, canta alto, pra alertar essa nação

Instrumento da paz

(Zenilton Ferraz)

Canta Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná
Negros do sul do Brasil, Ilê Aiyê vem pra te exaltar
Sem preconceito de cor, liberdade é a nossa bandeira
Cores da Mãe África e o trançado do gêge e nagô
Afro descendente Ilê Aiyê,
Instrumento de paz
Por Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná
Santa Catarina, do poema e da canção
No Rosário dos Pretos, união
De orocongo e do boi de mamão
Remanescente o quilombo de São Roque
A cultura do negro vilão
Neide Rosa e a voz da nação
Resistente Paraná
No tibagi ou na praça, Ilê Aiyê vai passar
Batuque, umbanda e dança balé de paiol da telha d'água vai
brilhar
E o ziriguidum vem tocar
Reis e rainhas no Ilê vão bailar
Rio Grande do Sul, negra colonização
De Benguela Angola, congo e pinhão
Eu também sou negão
Refugiado lá da Guerra dos Farrapos
De perfil Azeviche honrado guerreiro forte cidadão



bibliografía

- Nerin, Gustau. *Guinea Equatorial, Historia En Blanc I Negre*. Ed EMPURIES, 1998.
- Ndongo, Donato. *História e tragédia da Guiné Equatorial*. Ed. Cambio, 1977.
- Miampika, Landry-Wilfrid. *La palabra y la memoria: Guinea Ecuatorial 25 años después*. Madrid, Ed. Verbum, 2010.

créditos da edição 2025

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Reitora: Georgina Gonçalves Dos Santos •
Vice-Reitor: Fábio Josué Souza Dos Santos •
Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Danillo
Silva Barata • **Coordenação de Cultura e**
Universidade: Fabiana Comerlato • **Coordenação**
de Extensão Universitária: Maria Da Conceição
De Menezes Soglia

Anjo Negro Selo Editorial

Editor: Danillo Silva Barata • **Editora**
Executiva: Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana
Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento**
de Imagem: Roberto Abreu • **Digitalização dos**
Textos: Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã
Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão,
Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção**
Executiva: Robson Oliveira • **Restauração:**
Morgana Miranda e Rex

ISSN 2236-6784
e-ISSN 2764-5878

Permite-se a reprodução das informações
publicadas, desde que sejam citadas as fontes

créditos da edição original

Projeto de Extensão Pedagógica
Caderno de Educação do Ilê Aiyê
Vol. 20 – Negros do Sul

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê
Aiyê

Diretoria

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda) *in memoriam*

Presidente: Antônio Carlos dos Santos Vovô

Vice Presidente: Aliomar de Jesus Almeida

Fernando Ferreira de Andrade Filho • Vivaldo
Benvindo dos Santos • Arany Santana Neves
Santos • Dário da Páscoa • Edmilson Lopes
das Neves • Edson Tobias de Matos • Elizete
Matos dos Santos • Hildete Valdevina dos
Santos Lima • Jônatas Conceição da Silva (*in
memoriam*) • José Carlos dos Santos • Maria de
Lourdes Siqueira • Oduvaldo de Jesus Santos
(*in memoriam*) • Osvalrízio do Espírito Santo
• Paulo Cezar da Costa Cerqueira • Paulo
Raimundo F. Bonfim (*in memoriam*) • Roberto
dos Santos Rodrigues • Wilson Batista Santos

Pesquisa: Maria de Lourdes

Siqueira **Colaboração:** Sandro Teles **Capa**

e Ilustração: Mundão **Editoração e**

Diagramação: Via Direta Comunicação

End. Rua do Curuzu, 228, Liberdade
CEP 40365 000, Salvador • Bahia
Teleone 71 2103 3400
Telefax 71 2103 3400
Site www.ileaiyeoficial.com
E-mail ileaiye@ileaiye.org.br



PROexc

PROJETOS DE EXTENSÃO E CULTURA

UFB

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

TI PALMARES
FUNDAÇÃO CULTURAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO